

Genealogia Matemática Brasileira a partir de Luigi Fantappiè Brazilian Mathematic Genealogy from Luigi Fantappiè

Plínio Zornoff Táboas¹

Resumo

Encontra-se aqui uma genealogia matemática brasileira a partir de Luigi Fantappiè (1901-1956), que leva em consideração uma escolha de professores que se titularam na USP e desenvolveram carreiras matemáticas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) ou no Instituto de Matemática e Estatística (IME). Inicialmente são apresentados uma digressão sobre os números e a fascinação pela fixação de fatos históricos numa linha do tempo e algumas diretrizes metodológicas para o fazer história. Em seguida, é apresentada a filiação, que se dá pela orientação acadêmica de teses, com o ponto de ligação dos ramos ao tronco desta árvore genealógica sendo o *Jornal de Matemática Pura e Aplicada da USP*, editado por Fantappiè em 1936. Então, é apresentada a relevância histórica de Fantappiè para a matemática brasileira, em função de adequadas orientações historiográficas de periodização e, também, da importância do conceito de mudança no curso dos fatos para a história. Por fim, são apresentadas algumas visões de intelectuais sobre a personalidade de Fantappiè.

Palavras-chave: Luigi Fantappiè. Genealogia. História da Matemática Brasileira.

Abstract

It's presented here a Brazilian Mathematic Genealogy from Luigi Fantappiè (1901-1956) that consider a choose of professors that won PhD title in the Universidade de São Paulo – USP and that do well in a profession in the Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) or in the Instituto de Matemática e Estatística (IME). First of all, there are presented a digression about numbers and the fascination by historic facts fixed in a straight line of the time and some methodological routes to the act of making history. After, it's presented the academic filiations, whose connection point between varies branches in this genealogic tree is the *Jornal de Matemática Pura e Aplicada da USP* edited by Fantappiè in 1936. Then, it's presented the historic relevance of Fantappiè for the Brazilian Mathematic taking in account adequated historiography routes of periodization and also it takes in account concept of changing in the course of the historic facts. In the end, it presents some visions of intellectuals about Fantappiè's personality.

Keywords: Luigi Fantappiè. Genealogy. History of Brazilian Mathematic.

Pequena digressão sobre números

Não somente os matemáticos se intrigam, se interessam ou mesmo se encantam com sequências ou séries numéricas. Os matemáticos, por força de treinamento árduo, são mais refinados e tentam desvendar padrões que podem, quem sabe, se esconder em sequências como a formada pelos números primos ou fixar conceitos rigorosos como o de convergência a partir da análise de séries como a *série harmônica*. Mas quase todos, matemáticos ou não,

¹ Universidade Federal do ABC – UFABC. E-mail: plinio.taboas@ufabc.edu.br

profissionais ou leigos na matéria, com olhar mais apurado e penetrante ou mesmo aqueles mais despreocupados e mais ingênuos se divertem com sequências como a dos números pares, a das potências de base 2, a das potências de base 10, a de Fibonacci e ainda outras.

Ainda que não seja o objetivo deste trabalho, não me furto aqui de compartilhar, por puro deleite, mais uma vez a alegria de observar a sequência de Fibonacci e pensar nas suas associações com inúmeros fenômenos da natureza, como a estrutura do *Nautilus*, e com padrões estéticos harmoniosos, como o retângulo áureo.

Também me é prazeroso olhar para a série harmônica e lembrar que, apesar de seus termos aproximarem-se indefinidamente de zero, o que é apenas uma condição necessária para a convergência, lhe falta a suficiência e, portanto, ela não converge, diferentemente da geométrica formada por potências de expoentes inteiros negativos de base dois.

E mais do que olhar apenas para os números, gostaria de expressar a minha admiração pelos esforços que pensadores mais antigos empreenderam na análise da sequência dos primos, chegando Pierre de Fermat (1601-1665), em 1659, à afirmação peremptória de que $2^{2^n} + 1$ geraria sempre números primos, e também a minha surpresa, que se renova a cada visita que faço a esse episódio, com a espantosa capacidade de cálculo de Leonard Euler (1707-1783) ao refutar tal afirmação, em 1732, com o contra-exemplo do número composto gerado por essa fórmula com $n = 5$, ou seja, que $2^{2^5} + 1 = 4294967297 = 641 \times 6700417$. Aliás, me parece que nunca é demais relembrar a importância que a resistência desses números primos em revelar um padrão, ainda que fosse geométrico, tem para a segurança das comunicações virtuais em função da criação de chaves de codificação como a RSA.

Antes mesmo de tomar o caminho principal das minhas pretendidas reflexões, gostaria de relembrar rapidamente, mais uma vez, as sequências que envolvem potências de dois, de dez ou combinações suas. Primeiro, as potências de dois com suas possibilidades de aplicação ao mundo moderno através de uma estrutura algébrica advinda de uma lógica binária, cujo legado nos foi primeiramente oferecido por George Boole (1815-1864). Depois, para as potências daquele que dá a base para nosso sistema numérico mais usual, ou seja, o número dez. Essas sequências fascinam a todos a ponto de ser comum a tentativa de gerar fatos grandiloquentes em marcos fixados no tempo e na busca de gerar padrões para a periodização de temas diversos da história. Por mais céticos que nos entendamos, gostamos disso! Reverenciamos essa coisa que é muito mais numerologia do que mesmo um arremedo de ciência, num sentido moderno e ocidental. Vejamos:

1. Em 2008, reverenciamos o gigantesco e a pouco citado Leonard Euler nos seus $300 (= 3 \times 10^2)$ anos de morte; veja, por exemplo, a edição volume 9, de número 17, especial da Revista Brasileira de História da Matemática, publicada em abril de 2009;
2. Em 2009, se deram $120 = 10^2 + 2 \times 10$ anos da proclamação da República;
3. Em 15 de agosto de 2009, recordamos os $100 (= 10^2)$ anos da morte de Euclides da Cunha (1866-1909), autor de *Os Sertões*, um clássico da nossa literatura, considerado por muitos como a bíblia da formação da nação brasileira;
4. Em 2010, foram comemorados $80 (= 2^3 \times 10)$ anos da *Revolução de 1930*, que iniciou, segundo a maioria dos pensadores e pesquisadores do tema, a década que consolidou a construção do verdadeiro sentido de nacionalidade brasileira; veja o clássico *Revolução de 1930: Historiografia e História*, de Boris Fausto (FAUSTO, 2002)
5. Ainda em 2009, o Instituto de Matemática e Estatística – IME festejou, com a criação do Acervo Histórico Virtual (<http://www.ime.usp.br/acervovirtual/>), os $75 = 10^2 - 2^{-2} \times 10^2$ anos da USP, cuja criação está intimamente ligada às motivações políticas desta década efervescente que foi a de 1930.

E, por que nos apegamos a esses números? Não são eles que determinam os fatos. Nós apenas temos a consciência do tempo e da nossa finitude. Associamos ao tempo uma escala numérica e registramos aí os fatos. E a cada instante nos lançamos ao futuro incerto, porém único e que se consolida a partir das nossas próprias opções feitas no presente. A angústia de fazermos opções pode ser minimizada com o brinde que a consciência do tempo nos dá: o passado. Ele pode ser revisitado, reinquirido e reinterpretado continuamente à luz do presente. Ele se faz, então, mutante, pois à verdade dos fatos lançamos novos olhares. E é isso que nos movimenta. No entanto, isso não resolve ou não reverte a finitude e eu penso que uma forma que temos de enfrentá-la é tentarmos enganar o tempo nos fazendo sobreviver no outro. Uma maneira de viabilizar essa sobrevivência é celebrarmos os feitos e recordá-los insistentemente em marcos de apelo fácil na nossa escala do tempo. Acho que é por isso que nos apegamos àqueles números, potências de base dois, dez ou combinações suas.

Sobre fazer história

Mais do que a fascinação que a fixação de fatos na linha do tempo em pontos representados por números especiais, o que importa em história é a contextualização de fatos a serem analisados. Gordon Leff, em *History and social theory*, citado por Jacques Le Goff diz que “A periodização é indispensável a qualquer forma de compreensão histórica” (LE

GOFF, 2003, p.130) e, ainda, que “A periodização, como a própria história, é um processo empírico, delineado pelo historiador.” (LE GOFF, 2003, p.150). Cuidadosamente, Ubiratan D’Ambrosio, em sua *Uma História Concisa da Matemática no Brasil*, de 2008 (D’AMBROSIO, 2008), apregoa a necessidade de uma diferenciação entre a matemática tida como “universal” e a “brasileira” para que não se cometa nenhuma espécie de anacronismo ou mesmo se despreze realizações que possam elucidar o estado da arte e a evolução dos fatos no Brasil.

Com essas falas em mente, tomemos, então, o curso que nos interessa. O IME lançou ou apresentou, no dia 25 de setembro de 2009, seu Acervo Histórico Virtual, cujo conteúdo deve remontar a criação da USP com a constituição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FFCL, em 1934. Antes de tudo, gostaria de salientar alguns pressupostos que irei adotar:

1. Memória: registro sistemático de acontecimentos. Quando penso em registro, me permito entendê-lo num sentido bastante amplo que pode englobar várias técnicas, desde os tradicionais documentos escritos até memória composta por registros orais, visuais, gestuais, ocultos, etc., uma vez que os primeiros se prestam muitas vezes a reforçar o domínio de um grupo sobre uma coletividade e podem por vezes desconsiderar alguns fatos.
2. Acervo: conjunto ou amontoado de objetos que estão ligados a um tema ou a uma pessoa ou a uma instituição, e por aí a fora.
3. História: é essa coisa que não se consegue definir de forma a contentar todos os que se debruçam sobre o tema, mas que tem muito de analisar fatos em busca de verdades e de responder às questões colocadas pelas inquietações do presente, esse presente que se coloca como uma resposta única não necessariamente a um planejamento levado a cabo a partir de algum tempo passado, mas certamente a um conjunto de ações que subjazem a um complexo contexto social, cultural, econômico e ambiental que Josep Fontana chama de *economia política*. O intrigante da história é saber que ao lançarmo-nos continuamente no futuro, a partir de um presente que está dado e é único, chegaremos, também, a uma situação única que apenas a existência permitirá saber qual é. Portanto, a análise do passado torna-se o grande mistério a ser desvendado, mas talvez nunca alcançado por conta das inquietações que vivemos no presente complexo e evanescente que, por isso mesmo, nos remete a esse passado com olhares sempre diferentes e que o tornam, conseqüentemente, mutante.

Bem, o que temos, então, é um conjunto (acervo) de registros (memórias) que passa a ser analisado, interpretado e reinterpretado, inquirido e reinquirido, ou seja, passa a ser história viva, pois mutante ao contrário de presente e futuro quase certamente determinados, embora não necessariamente antecipados.

Conclusão: ainda que pautados pela investigação interpretativa – que pode ter suporte teórico na literatura sobre semiótica como, por exemplo, em *Interpretação e superinterpretação* de Umberto Eco (ECO, 1993) –, porém, com busca da manutenção da verdade dos fatos como preconiza Jacques Le Goff (LE GOFF, 2003, p.32), o que fazemos aqui, então, é um pouco de história.

Uma genealogia brasileira de Fantappiè

Observemos, a partir dessas premissas, alguns fatos para entender, quem sabe, um pouco melhor o que vivemos e, quem sabe ainda, gerarmos ações que atendam a algum apelo de projeto futuro, numa pretensamente clara alusão à *economia política* preconizada por Josep Fontana (FONTANA, 1998). Para tanto, gostaria de destacar alguns nomes. Eles foram escolhidos tendo em vista o seguinte filtro: são nomes de professores/pesquisadores matemáticos que obtiveram sua titulação aqui na USP e seguiram suas carreiras na FFCL ou no IME. Porém, não é uma lista completa, há ainda outro filtro utilizado e que baliza a escolha. Vejamos os nomes e suas ligações e tudo ficará claro.

O Prof. Paulo Boulos obteve sua Livre Docência em 1979 e apresentou, nessa oportunidade, um trabalho intitulado “Integral Multiplicativa e Cinemática em Grupos de Lie”. Seu doutoramento, que data de 1968 e se intitula “Sobre a Cinemática em um Grupo de Lie”, foi realizado sob a orientação da Prof^a. Elza Furtado Gomide.

A Prof^a. Elza Furtado Gomide participou do 1º Colóquio Brasileiro de Matemática, em 1957 em Poços de Caldas (MG), com o trabalho “Somas de Gauss”, obteve seu doutoramento, intitulado “Sobre o Teorema de Artin-Weil”, em 1950 sob a orientação do Prof. Fernando Furquim de Almeida, de acordo com a catalogação bibliográfica da USP, que contraria o que os professores Clóvis Pereira da Silva (UFPR) e Alberto Carvalho Peixoto Azevedo (UnB) apresentam em *Mestrados e Doutorados em Matemática no Brasil a partir de 1942* (SILVA e AZEVEDO, 2008). Nesse trabalho, Jean Delsarte, membro do Bourbaki, é apresentado como o orientador da Prof^a. Elza Furtado Gomide, fato confirmado por ela mesma. Agora, o pequeno desencontro de informações apenas dá tempero para o que apresento hoje. Na verdade, a própria Prof^a. Elza Furtado Gomide nos ajuda a entendê-lo: havia não uma cumplicidade (verbete que hoje parece desgastado e carrega um sentido não tão nobre), mas um envolvimento entre colegas e seus trabalhos, um verdadeiro espírito

colaboracionista no desenvolvimento científico que levou, ao que tudo indica, a evitar um desgaste com questões de cunho burocrático e fez, então, figurar o nome de Fernando Furquim de Almeida como orientador daquela tese de doutoramento.

Em todo caso, continuemos daqui. O Prof. Fernando Furquim de Almeida, na prova para o Provimento de sua Cátedra, em 1951, apresentou o trabalho “Fundamentos da Geometria no Plano”. Em 1957, no já citado Colóquio Brasileiro, apresentou o trabalho “Teoria dos Números Algébricos”. Mas antes de tudo isso, em 1936, escreveu “Estudo dos pontos singulares das funções analíticas pelo desenvolvimento em séries de potências” no *Jornal de Matemática Pura e Aplicada* da USP (FANTAPPIÈ, 1936).

Avancemos no tempo. O Prof. Reinaldo Salviti doutorou-se em 1980 com o trabalho “Teorema de Frobenius – Formulação Global: aplicações a Grupos de Lie”, sob a orientação do Prof. Domingos Pisanelli. Esse, por sua vez, doutorou-se em 1956, com trabalho intitulado “Alguns Funcionais Analíticos e seus campos de definição”, sob orientação do Prof. Omar Catunda (1906-1986). O Prof. Chaim Samuel Honig, que participou do 1º Colóquio com o trabalho “Álgebra Multilinear e Variedades Diferenciáveis”, doutorou-se em 1952 com o trabalho “Sobre um método de refinamento de topologias”, e a Profª. Ofélia Tereza Alas, com a tese “Sobre uma extensão do conceito de compacidade e suas aplicações”, doutorou-se em 1968, ambos sob a orientação do Prof. Edison Farah. Esse, por sua vez, doutorou-se em 1950 com o trabalho “Sobre a Medida de Lebesgue”, sob orientação do Prof. Omar Catunda.

O Prof. Omar Catunda, em 1944, apresentou o trabalho “Teoria das Formas Diferenciais e suas Aplicações” para Provimento de Cátedra na USP e, no mesmo ano, por conta de sua Livre Docência, apresentou o trabalho “Sobre os Fundamentos da Teoria dos Funcionais Analíticos”. Alguns anos antes, ele publicou dois trabalhos no *Jornal de Matemática Pura e Aplicada* da USP, a saber, “Exposição sobre uma memória de Abel sobre funções simétricas e teoremas de adição” e “Demonstração do Teorema de Jordan sobre curvas fechadas”.

Avancemos novamente no tempo. O Prof. Francisco Cesar Polcino Milies obteve sua Livre Docência em 1980, doutorou-se em 1974 com o trabalho “A Nilpotência do Grupo de Unidades de um Anel de Grupo” e tornou-se Mestre em 1972, com o trabalho “Sobre as Unidades de Anéis de Grupos”, sob orientação do Prof. Carlos Benjamim de Lyra.

O Prof. Carlos Benjamim de Lyra (que empresta seu nome à Biblioteca do IME), por sua vez, participou do 1º Colóquio, em 1957, com o trabalho “Introdução à Topologia Algébrica”, e doutorou-se em 1958, com a tese intitulada “Sobre espaços de mesmo tipo de

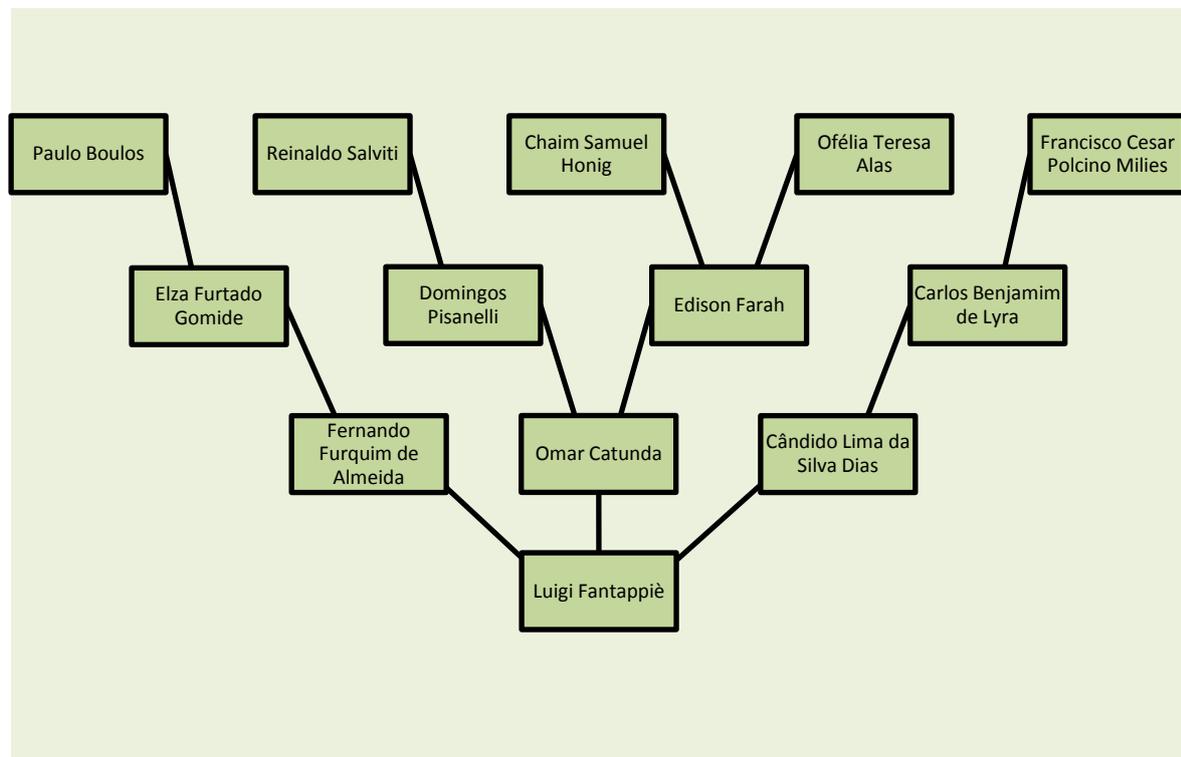
homotopia que o dos poliedros”, sob a orientação do Prof. Cândido Lima da Silva Dias (1913-1998).

O Prof. Cândido Lima da Silva Dias doutorou-se em 1942 e, em 1951, quando do Provimento de sua Cátedra na USP, apresentou o trabalho “Espaços Vetoriais Topológicos e sua aplicação na Teoria dos Funcionais Analíticos”. Alguns anos antes, em 1936, ele escreveu o artigo intitulado “Demonstração do Teorema de Lindemann”, no *Jornal de Matemática Pura e Aplicada* da USP.

Esse estudo de gênese parece ter encontrado um ponto de partida: o *Jornal de Matemática Pura e Aplicada* da USP, uma vez que os professores Fernando Furquim de Almeida, Omar Catunda e Cândido Lima da Silva Dias são seus colaboradores. Não há qualquer exagero em relação ao tipo de associação dos professores a esse veículo, pois o *Jornal* teve um único número publicado. Mais do que isso, essa associação foi forjada anteriormente pelo convívio com o professor Luigi Fantappiè (1901-1956), editor do *Jornal*. Aliás, esse *Jornal* é apenas um produto de relações mais profundas e a gênese se dá de outra forma.

Vejam. Luigi Fantappiè esteve em São Paulo entre 1934 e 1939 a convite de Theodoro Ramos, então responsável por recrutar o corpo docente para a formação da FFCL-USP junto à comunidade européia, com as atribuições de auxiliar na estruturação do curso de Matemática dessa Faculdade e assumir a sua Cátedra de Geometria Superior. Dentre suas atividades, Fantappiè ajudou a organizar um grupo de estudos avançados e o ‘*Seminário Matemático e Físico da Universidade de São Paulo*’ com o intuito de incentivar a formação de um verdadeiro espírito científico. Além disso, e para incrementar a publicidade e o intercâmbio de idéias – caros à sobrevivência da atividade acadêmica e científica – Fantappiè, juntamente com Giacomo Albanese (1890-1948) e Gleb Wataghin (1899-1986), editou o ‘*Jornal de Matemática Pura e Aplicada da Universidade de São Paulo – Volume 1º – Fascículo 1º – Junho de 1936*’. Esse *Jornal* possui duas grandes seções: a *Primeira Parte*, dedicada a *Memórias e Notas Originais*, traz artigos de Beniamino Segre – ‘*Proprietà in grande delle linee piana convesse*’ – e de Silvio Cinquini – ‘*Sopra le equazione funzionali non lineari nel campo complesso*’ –, e a *Segunda Parte*, dedicada a *Notícias Várias*, traz resumos das atividades, seminários, palestras e conferências dos envolvidos com o ‘*Seminário Matemático e Físico da Universidade de São Paulo*’, como, por exemplo, os já citados Cândido Lima da Silva Dias, Fernando Furquim de Almeida, Omar Catunda e o Prof. Mario Schemberg.

Dessa forma, e segundo os filtros estabelecidos inicialmente nesse trabalho, podemos sintetizar o seguinte quadro:



Relevância de Fantappiè para a matemática brasileira

Numa visão historiográfica *eurocentrista*, termo que considerarei menos adequado do que *ocidental dominante* e que, hoje, por sua vez, acredito menos adequado ainda do que *visão científica colonial* (D'AMBROSIO, 2000, p.79-92), Luigi Fantappiè não figura como personagem de grande porte para a matemática. Mas, dado o breve estudo de gênese apresentado aqui e as atribuições levadas a cabo bem como as atividades desenvolvidas pelo Prof. Luigi Fantappiè quando da sua estada em São Paulo, parece inegável o fato de ele ter tido uma grande influência na consolidação de uma comunidade que passou a ser não somente consumidora de matemática, como ocorria no Brasil até início da década de 1930, mas também produtora no cenário mundial. E a despeito de, numa visão *científica colonial*, Fantappiè figurar ou não figurar entre os expoentes da *matemática*, ele foi discípulo de Vito Volterra (1860-1940) e considerado como brilhante e promissor matemático em sua época; foi inclusive indicado com esse *status* por Francesco Severi (1879-1961) a Theodoro Ramos (1895-1936) na Itália para compor a *1ª Missão* daquele país na USP. O reconhecimento ao seu brilhantismo é devido às suas contribuições para a criação da Teoria de Funcionais Analíticos. Ao olharmos para a produção de Fantappiè sobre esse tema, podemos classificá-la em três momentos:

1º momento: trabalhos do final da década de 1920 e início da década de 1930 (FANTAPPIÈ, 1928 e 1930);

2º momento: período de 1934 a 1939, passado no Brasil;

3º momento: trabalhos do início da década de 1940 (FANTAPPIÈ, 1940 (1), 1940 (2) e 1943).

Há um hiato em termos de produção durante sua permanência no Brasil. No entanto, há certo aprofundamento e refinamento nos trabalhos do 3º momento relativamente ao 1º momento. Durante o período brasileiro houve, aparentemente, um amadurecimento científico de Fantappiè, portanto, a questão que se impõe é a seguinte: como isso ocorreu? Há documentos que possam comprovar isso? Além de testemunhos ou falas de professores que tiveram ligação direta ou indireta com Fantappiè sobre a existência de um curso sobre *Funcionais* ministrado na USP de forma não regular, um único indício documental se mostra até aqui: o *Jornal de Matemática Pura e Aplicada* da USP. É na sua *Segunda Parte*, dedicada a *Notícias Várias*, que o próprio Luigi Fantappiè dá publicidade, através de comunicado que substituiu o resumo da sua conferência '*Origem e desenvolvimento da teoria dos Funcionais*', a um trabalho sobre Funcionais Analíticos e diz que essa conferência "servirá como capítulo introdutório ao tratado sobre a teoria dos funcionais, que deverá aparecer brevemente" (FANTAPPIÈ, 1936, p.97).

A partir daí, as buscas pareciam não ter mais frutos. No entanto, dado que o Prof. Cândido Lima da Silva Dias foi assistente de Fantappiè e de posse da informação de que parte dos seus documentos pessoais foi doada à Biblioteca "Achille Bassi" do ICMC – USP, em São Carlos, Instituto do qual inclusive o Prof. Cândido foi seu Diretor entre os anos de 1974 e 1978, as coisas mudaram. Na doação desse acervo pessoal, houve uma homenagem ao Prof. Cândido com a inauguração da Sala de Leitura da Biblioteca do ICMC, que leva seu nome. Uma busca nesse acervo se revelou promissora. Um caderno de capa dura contém o texto '*I funzionali delle funzioni di piu variabili – Memória de Luigi Fantappiè*', compilado de próprio punho por Cândido Lima da Silva Dias (TÁBOAS, 2005, p.113-173). Após uma análise comparativa desse com os textos dos 1º e 3º momentos da produção de Fantappiè (TÁBOAS, 2008, p.1-12) e de posse do comunicado do próprio Fantappiè no *Jornal de Matemática Pura e Aplicada* a respeito de uma obra que seria em breve publicada, temos as maiores evidências de que a compilação do Prof. Cândido Dias é o esboço inacabado e incompleto do referido tratado sobre a teoria dos funcionais.

Com isso, penso que podemos considerar o trabalho do Prof. Luigi Fantappiè na USP como complexo e completo: ele participou da organização do curso de Matemática da

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – que tinha como uma das suas principais atribuições formar professores para a escola média do Estado de São Paulo –, assumiu a Cátedra de Geometria Superior e deu aulas, também, para a Escola Politécnica, gerou um ambiente favorável ao desenvolvimento científico dos alunos e assistentes e, por fim, desenvolveu seu potencial de pesquisador matemático, inclusive com a orientação de seus assistentes Omar Catunda e Cândido Lima da Silva Dias.

Visões sobre Fantappiè

Esse mergulho muito focado nas atividades brasileiras de Fantappiè na USP, de certa forma, pode mascarar um quadro mais complexo e controverso que envolve esse personagem. Há sempre uma espécie de constrangimento de historiadores em enaltecer qualquer atividade de uma figura que em momento algum escondeu sua posição política, ainda mais por ela ser a de filiação ao fascismo italiano. Aqui mesmo no Brasil, falta uma investigação mais detalhada das atividades mantidas por Fantappiè junto à comunidade italiana da cidade de São Paulo e que possa dar maior clareza de compreensão às verdadeiras ou a todas as suas motivações para estar nesse país. Mesmo as atividades restritas à Universidade de São Paulo suscitam interpretações de denúncias repulsivas ou de desprezo jocoso à sua pessoa. Por exemplo, Patrick Petitjean, no capítulo *As missões Universitárias Francesas na Criação da Universidade de São Paulo (1934-1940)*, comenta que:

O primeiro curso de Piccolo suscita diversos embaraços: ele faz a apologia do fascismo e de Mussolini. Paulus Aulus Pompéia conta também que Fantappiè ‘chegava da rua, levantava a mão direita e fazia a saudação fascista’. Mesmo Wataghin faz a saudação fascista durante o primeiro curso, mas não a repete mais. Fantappiè era o responsável pelo grupo fascista, e somente Wataghin e Occhiliani não assistem às reuniões do grupo. Os alunos de Fantappiè respondem à sua saudação através de ruídos e algazarra, sobretudo batimentos de mãos sobre as mesas, fazendo Fantappiè acreditar que se tratava de uma saudação brasileira. (HAMBURGER et al, 1996)

No entanto, outros depoimentos me foram feitos e são diversos desse, como os dos professores Marcelo Dami e Milton Vargas. O Prof. Marcelo Dami conta duas passagens; na primeira, Fantappiè teria dito provavelmente a Catunda ao lhe entregar um livro, antes do início das férias de fim de ano – período que Fantappiè passaria na Itália –, que o *guardasse*, pois o tomaria em seu retorno. Catunda agiu com a maior presteza e o colocou no cofre da direção da Escola Politécnica durante todo o recesso. Na volta das férias, Fantappiè perguntou-lhe sobre o livro, que fora prontamente devolvido. Na primeira semana de aula o

livro foi o tema de uma prova oral e o assistente se viu em situação difícil. Na segunda, é relatada a necessidade de os alunos terem uma cadeira sempre por perto da mesa do Prof. Fantappiè quando solicitavam alguma explicação. Invariavelmente, Fantappiè começava sua preleção com um '*Senta!*'. O Prof. Milton Vargas fala² das aulas de Fantappiè e Wataghin, ao lembrar que elas eram dadas em italiano: “[...] E eram tão bons professores que a gente entendia melhor as aulas em italiano do que as aulas em português dos outros brasileiros.” E mais adiante,

[...] a gente pegou uma mania de falar italiano, entre nós, não é!? [risos] A gente, por causa da perfeição que eram aquelas aulas, a gente não estava acostumado com aulas tão boas.... Até hoje eu tenho idéia de que essas aulas de física e de matemática para engenheiros têm que ser dadas por grandes físicos e grandes matemáticos, não por assistentes. Porque são esses mais motivantes, sabem perfeitamente despertar o interesse, não é!? Para o engenheiro, se você mete um assistente para dar aula, ele não tem interesse nenhum.

Mesmo em Viterbo, terra natal de Fantappiè, cidade castigada por bombardeios aliados próximo ao fim da Guerra, que fica aproximadamente 100 km ao norte de Roma, é latente a discórdia e o constrangimento de alguns em relação ao movimento de preservação da memória que constituiu a Fundação Luigi Fantappiè. Por parte dos que se aglutinam em torno dessa Fundação, há uma recusa ao rótulo de fascista que outros tentam transformar em peça indissociável desse personagem, como sua única característica.

Para encerrar, gostaria de, a despeito de tudo isso, ou melhor, pelo contrário, em consideração a tudo isso, relembrar duas falas: uma de André Weil e outra do Prof. Antônio Cândido.

A fala de André Weil está nas páginas 48 e 49 do seu “The apprenticeship of Mathematician” (WEIL, 1992, p.48-9) e diz ser Fantappiè um exímio matemático e comenta, não sem espanto e até com certo humor, que nos idos de 1925, quando travara conhecimento com ele, lhe pareceu incompatível ou no mínimo estranho que Fantappiè fosse militante fascista e, ao mesmo tempo, que tivesse com as pessoas um trato cordial e tão profundo em suas atividades profissionais. Há ainda, em relação a André Weil, outra fala a se confirmar quando de sua vinda ao Brasil para assumir a Cátedra de Geometria Superior e comentar sua honra em ser um dos sucessores de Fantappiè.

Para a fala do Prof. Antonio Cândido, precisamos relembrar um pouco dos fatos que se juntam para gerar a complexa malha de relações que envolveu a criação da USP na importante

² Na entrevista concedida a mim e ao Prof. Claudio Possani (IME/USP), no dia 05 de julho de 2000 em São Paulo, na sede da THEMAG, empresa do ramo da construção civil, de propriedade do Prof. Milton Vargas.

década de 1930. O governador do Estado de São Paulo, Armando de Salles Oliveira – que empresta seu nome ao *Campus* universitário da USP na cidade de São Paulo, ao Centro Acadêmico da USP em São Carlos, e a tantas ruas e avenidas pelo estado afora, renovou o fôlego do grupo político do antigo Partido Democrático, que se viu fortalecido junto ao poder local. Além disso, Salles Oliveira era cunhado de Júlio de Mesquita Filho, um dos idealizadores da USP. Ao executar o projeto de fundar uma universidade em São Paulo, Júlio de Mesquita Filho contou com o apoio tanto do Governo Paulista quanto do apoio dos industriais e empresários paulistanos. Quando da busca por professores na Europa para a formação do quadro docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, os idealizadores da USP foram pressionados pela comunidade italiana na capital paulista para que incluíssem, também, professores italianos. É bastante veiculada a provável estratégia do grupo ligado a Júlio de Mesquita Filho de deixar a área de exatas para os italianos e as humanidades, consideradas com papel central na condução dos rumos da universidade, para os franceses, que vinham de uma escola de pensamento liberal. Interessante observar que as Missões Italianas na USP foram bancadas pelos Governos Paulista e Italiano, conjuntamente, e que o Governo Fascista de Mussolini se beneficiava de patrocinadores junto às comunidades italianas fora daquele país, inclusive a da cidade de São Paulo em que figuravam nomes de industriais como colaboradores (FAUSTO, 2003). Complexo jogo de conivência e de conveniência entre os agentes políticos dessa época. O Governo Vargas, que gozava de boas relações com a Itália até pouco antes de 1940, decreta o que chamamos de Estado Novo em 1938. E aqui reencontramos a fala do Prof. Antônio Cândido comentada anteriormente e com a qual gostaria de encerrar essa reflexão. Ele relembra, em *Estudos Avançados* que:

Em 1938 o perrepista³ Ademar de Barros foi nomeado interventor e nomeou diretor da Faculdade de Filosofia o professor Alfredo Ellis Júnior, perrepista rubro, com a missão de liquidá-la. Mas, curiosamente, Ellis, verificando como eram de fato as coisas, não apenas rejeitou a tarefa, como tornou-se defensor da Faculdade, ajudando decisivamente a mantê-la. O saudoso professor Erasmo Garcia Mendes publicou na revista de Estudos Avançados um artigo importante onde conta isso e informa que outro fator decisivo foi uma conferência do professor Luigi Fantappiè, ilustre matemático da Missão Italiana, que demonstrou a importância da instituição. Assim se resolveu o conflito entre setores da elite que poderia ter abortado precocemente a nova escola. (Disponível em

³ Adepto do Partido Republicano Paulista (PRP), fundado em 1873, em Itu-SP, e extinto em dezembro de 1937. Sobre esse partido político: http://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Republicano_Paulista, acesso em 23/02/2011.

<http://www.iea.usp.br/iea/tematicas/educacao/superior/historiamissao/candidoorigensdausp.pdf>, acesso em 21/09/09)

Referências

D'AMBROSIO, Ubiratan. "A Historiographical Proposal for Non-western Mathematics." In: *Mathematics Across Cultures. The History of Non-Western Mathematics*, ed. Helaine Selin, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, 2000; pp.79-92.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Uma história concisa da matemática no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2008. 128p.

DE BONI, Luís Alberto. (org.) *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1987. 536p.

DIAS, Cândido Lima da Silva. *Espaços vetoriais topológicos e sua aplicação na teoria dos espaços funcionais analíticos*. São Paulo: Graf. S. João, 1951. 66p.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 182p.

FANTAPPIÈ, Luigi. *I Funzionali analitici.*, Cagliari: S.N.,1928.

FANTAPPIÈ, Luigi. *Funzionali delle funzioni di due variabili*. Roma: S.N., 1930.

FANTAPPIÈ, Luigi. (diretor) *Jornal de Matemática Pura e Aplicada da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Edições da Universidade de São Paulo, 1936 (Volume 1º - Fascículo 1º - Junho). 97p.

FANTAPPIÈ, Luigi. *Lo spazio funzionale analitico come spazio topologico T_0* . Roma: Reale Istituto Nazionale di Alta Matematica, 1940. 7p.

FANTAPPIÈ, Luigi. *Nuovi fondamenti della teoria dei funzionali analitici*. Roma: Reale Istituto Nazionale di Alta Matematica, 1940. 88p.

FANTAPPIÈ, Luigi. *Teoria de los funcionales analiticos y sus aplicaciones*. Barcelona: Consejo Superior de Investtiganones Científicas, 1943. 56p.

FANTAPPIÈ, Luigi. *Opere Scelte*. Vol.1. Reprint. Roma: Unione Matematica Italiana, 1973.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história – 16ª edição revista e ampliada; 2ª reimpressão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, c1997. 160p.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 11ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. 663p.

FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Tradução de Luiz Roncari. Bauru: EDUSC. 1998. 396p.

HAMBURGUER, Amélia Império; DANTES, Maria Amélia; PATY, Michel; PETITJEAN, Patrick (org.) *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Editora da USP; FAPESP, 1996. 367p.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. 544p.

LÉVY, Paul. *Problèmes concrets d'analyse fonctionnelle*. 2. éd. des Leçons d'analyse fonctionnelle, avec un complément sur les fonctionnelles analytiques, par F. Pellegrino. Paris, Gauthier-Villars, 1951 (Collection de monographies sur la théorie des fonctions). 482p.

PELLEGRINO, Franco. "La théorie des fonctionnelles analytiques et ses applications." In: LÉVY, P. *Problèmes concrets d'analyse fonctionnelle*. Paris, Gauthier-Villars, 1951.

SILVA, Clóvis Pereira da. *A matemática no Brasil: uma história de seu desenvolvimento*. 2ª edição revista e ampliada. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 1999. 242p.

SILVA, Clóvis Pereira da; AZEVEDO, Alberto Carvalho Peixoto. *Mestrados e Doutorados em Matemática obtidos no Brasil a partir de 1942*. SBHMat, 2008. Disponível em <http://www.sbhmat.com.br/matematica.pdf>. Último acesso em 23/02/2011.

TÁBOAS, Plínio Zornoff. *Luigi Fantappiè: influências na matemática brasileira. Um estudo de História como contribuição para a Educação Matemática*. Tese de Doutorado, UNESP-Rio Claro, 2005.

TÁBOAS, Plínio Zornoff. *Três momentos no desenvolvimento da Teoria dos Funcionais Analíticos segundo Luigi Fantappiè*. Revista Brasileira de História da Matemática, Vol. 8, nº 15, p. 1-12, 2008.

VARGAS, Milton. *Teoria dos drenos artificiais de areia*. São Paulo: Revista Politécnica – USP, edição de 1947.

VOLTERRA, Vito. *Theory of functionals and of integral integro-differential equations*; by Vito Volterra; edited by Luigi Fantappiè; authorized translation by Miss. M. Long. London, Glasgow, Blackie & Son Limited, 1930.

WEIL, André. *História da matemática: Por que e como*. In: Matemática Universitária, nº 13, junho de 1991, p.17-30.

WEIL, André. *The apprenticeship of mathematician*. Translated from the French by Jennifer Cage. Basel; Boston; Berlin: Birkhäuser, 1992. 197p.